

Avaliação do risco de extinção do Quati *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) no Brasil

Beatriz de Mello Beisiegel¹ & Cláudia Bueno de Campos²

Beatriz de Mello Beisiegel



Risco de Extinção

Menos Preocupante (LC)

Ordem: Carnivora

Família: Procyonidae

Nome popular

Quati, coati, mundé, quati-mundé.

Submetido em: 22 / 09 / 2012

Aceito em: 21 / 06 / 2013

Justificativa

Nasua nasua tem ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo em todos os biomas brasileiros e, apesar de poder sofrer efeitos muito danosos de doenças oriundas de animais domésticos, suas populações são abundantes na maior parte dos locais onde ocorre. Desta forma, a espécie é classificada como Menos Preocupante (LC). Há conectividade com as populações dos países vizinhos, porém não existem informações sobre a dinâmica fonte-sumidouro. Assim, a categoria indicada na avaliação regional não foi alterada.

Notas taxonômicas

Não existem dúvidas sobre a validade de *Nasua nasua*, porém existem divergências sobre a extensão geográfica e variedades incluídas na espécie. Wozencraft (1989) reconhece apenas *Nasua nasua* e *Nasua nelsoni* (quati das Ilhas Cozumel, no México), incluindo os quatis de focinho branco, que ocorrem nas Américas Central e do Norte, em *Nasua nasua*, enquanto Gompper e Decker (1998) e Wilson e Reeder (2005) reconhecem a espécie *Nasua narica*, o quati de focinho branco, e o quati *Nasua nasua*, não aceitando *Nasua nelsoni* como espécie válida, mas sim como incluída em *Nasua narica*.

Afiliação

¹ Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Mamíferos Carnívoros-CENAP/ICMBio.

² Instituto para Conservação dos Carnívoros Neotropicais – Pró-Carnívoros.

E-mails

beatriz.beisiegel@icmbio.gov.br, campos_claudiab@yahoo.com.br

Histórico das avaliações nacionais

Nasua nasua não foi incluída como ameaçada na lista nacional anterior de fauna ameaçada (MMA 2003).

Avaliações em outras escalas

A espécie foi considerada Vulnerável (VU) no Rio Grande Sul (Fontana *et al.* 2003). É globalmente avaliada como Menos Preocupante (LC) pela IUCN (Emmons & Helgen 2008), uma vez que a espécie é amplamente distribuída, aparentemente comum em áreas de hábitat relativamente intacto e não há ameaças importantes a ela, embora esteja provavelmente em declínio populacional devido à caça e perda de hábitat.

Distribuição geográfica

A espécie possui uma ampla distribuição geográfica na América do Sul, indo da Colômbia e Venezuela ao Uruguai e Norte da Argentina, e ocorrendo em ambas as vertentes dos Andes, no Equador (Gompper & Decker 1998). Provavelmente o limite sul da distribuição no Brasil corresponde à Serra do Sudeste no Pampa gaúcho (C.B. Kasper, com.pess.), embora ocorram no norte do Uruguai (D. Queirolo, com.pess.). A espécie foi introduzida na Ilha Robinson Crusóe, no Chile (Colwell 1989, Miller & Rottmann 1976, Pine *et al.* 1979, todos *apud* Gompper & Decker 1998). Sua ocorrência na Caatinga é irregular, relatada pela literatura apenas para o PARNA Ubajara e os municípios de Penedo, AL e Crato, CE (Oliveira *et al.* 2003). Não ocorre em UCs na Caatinga onde a água é extremamente escassa, como o PARNA Serra da Capivara (M. Mannu, com. pess., ver também Wolff 2001), mas foram registrados no PARNA Chapada Diamantina, BA, no Parque Estadual do Morro do Chapéu, BA, e em algumas APAs da Caatinga (C.B. Campos, obs. pess.). A distribuição geográfica apresentada pela IUCN (Emmons & Helgen 2008) limita sua distribuição à leste aproximadamente no meridiano 22, indicando a ausência da espécie em quase toda a região nordeste do Brasil, bem como do trecho norte do Espírito Santo. Porém, a espécie ocorre nos municípios de Campo Formoso, Sobradinho, Sento Sé, Umburanas, Jacobina, Irecê e Xique-Xique (C.B. Campos, obs. pess.). Quatis também foram registrados na Usina Serra Grande (AL) e na Serra do Urubu (PE), onde estiveram entre os animais mais abundantes (Fernandes 2003, Silva Jr. 2007), e existe um registro no Ceará (Tsuchyia-Jerep 2009).

Tsuchyia-Jerep (2009) encontrou seis unidades evolutivamente significativas (UES) nesta espécie, correspondendo ao leste da Amazônia, norte da Mata Atlântica, Mata Atlântica central, sul da Mata Atlântica, Pantanal e Chaco Boliviano associado ao oeste da Amazônia, das quais cinco podem ser associadas a subespécies de quatis já descritas: *N. n. nasua*, no norte da mata Atlântica e talvez Caatinga, *N. n. solitaria* na Mata Atlântica central, *N. n. spadicea* no sul da Mata Atlântica, *N. n. dorsalis* no leste da Amazônia e *N. n. boliviensis* no Chaco Boliviano.

População

São os carnívoros mais abundantes na maioria dos locais onde ocorrem, com densidades populacionais variáveis: 15,1 indivíduos/km² (Robinson & Redford 1986), 2,1 indivíduos/km² (ou 0,33 indivíduos/10 km de transecto) para vários fragmentos de Mata Atlântica na região de Caucaia - SP, incluindo a Reserva de Morro Grande (Negrão 2003). Cullen Jr. *et al.* (2000) verificaram que a abundância de quatis diminui muito em áreas com grande pressão de caça (aproximadamente 2 indivíduos/10 km transecção em áreas com pouca caça, aproximadamente 0,2 a 0,6 indivíduos /10 km de transecção em áreas com forte pressão de caça). No Parque Estadual Morro do Diabo, SP, foram observados cerca de 0,25 a cada 10 km de transecção (Cullen

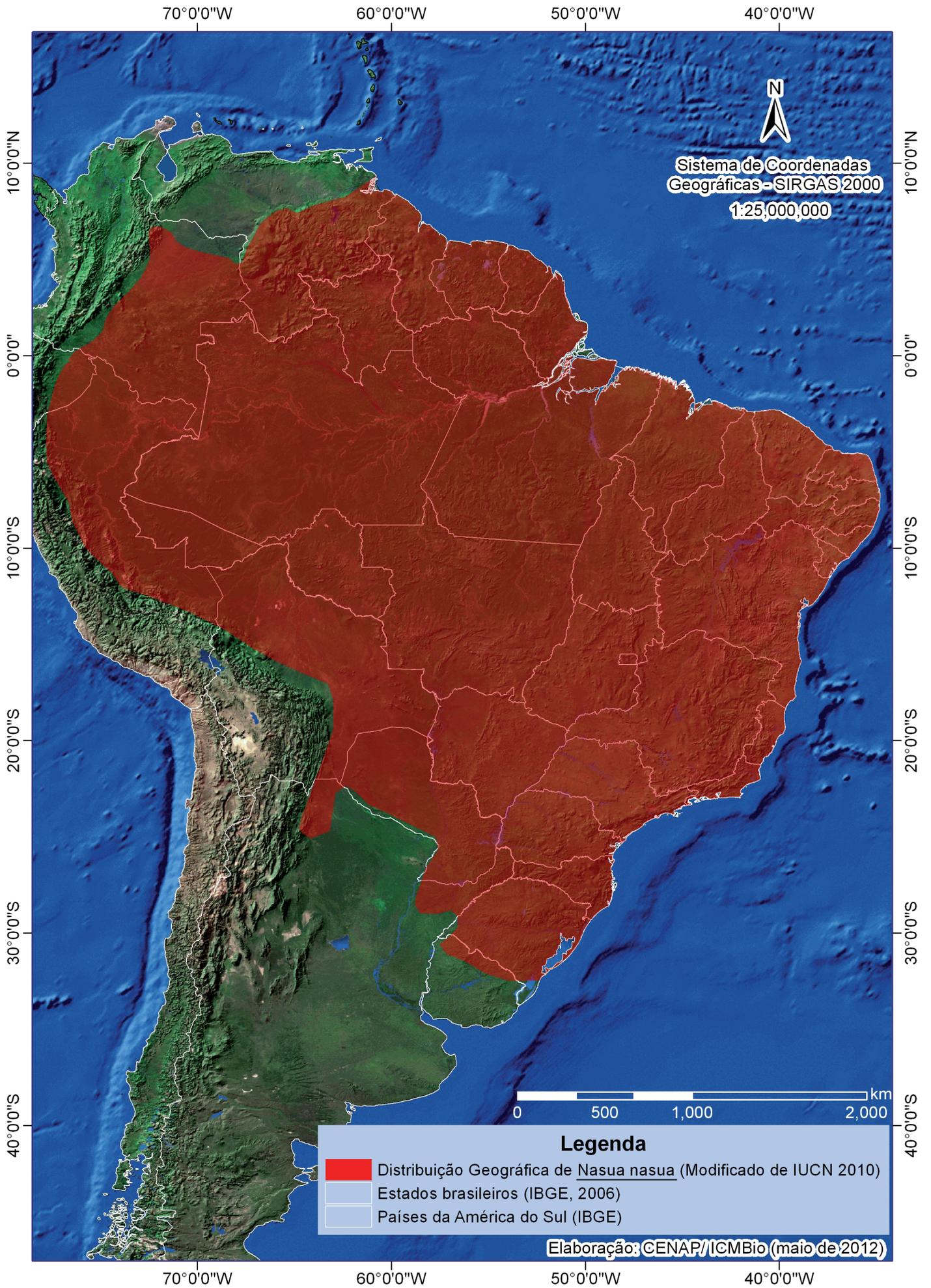


Figura 1 – Distribuição geográfica do Quati, *Nasua nasua*.

Jr. *et al.* 2000). No Espírito Santo, Chiarello (1999) encontrou 0,15 a 0,6 grupos por 10 km de transecção. No Parque Estadual Carlos Botelho, SP, entre 2001 e 2003, foram observados 0,23 machos e 0,47 grupos/10 km de transecção (B.M. Beisiegel dados não publicados). No Pantanal da Nhecolândia, foram encontradas densidades populacionais de 9,09+ -5,00 (planícies inundáveis), 16,7+ -2,94 (floresta) e 10,5 + -1,88 (cerrado) indivíduos/km² (Desbiez *et al.* 2010). Em pequenas áreas periurbanas, onde podem alimentar-se principalmente de itens providos artificialmente ou de alimentos encontrados em lixeiras e a predação é reduzida, atingem altíssimas densidades populacionais: no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo, foi estimada uma população mínima de 140 em uma área de 120 ha, portanto uma densidade populacional mínima de 125 indivíduos/km², a maior registrada para a espécie (Souza & Beisiegel 2002); no Parque das Mangabeiras, em Belo Horizonte, a densidade foi de 52,81 indivíduos/km² (Hemetrio 2007), e no Parque do Prosa, em Campo Grande, 33,71 indivíduos/km² (Costa *et al.* 2009). Na Ilha Anchieta, em SP, onde a espécie foi artificialmente introduzida, a densidade é de 25,06 indivíduos/km² (Bovendorp & Galetti 2007). Por outro lado, embora se considere que a espécie tem grandes populações em áreas de habitat relativamente intacto (Emmons & Helgen 2008), esta consideração carece de dados concretos sobre densidades populacionais e pode tratar-se de uma suposição equivocada. Em algumas áreas de floresta contínua e relativamente livre de perturbações, as populações de quati podem ser naturalmente pequenas e sofrer quedas abruptas, praticamente desaparecendo, como ocorreu nos Parques Estaduais Carlos Botelho e Intervalos, em SP (Beisiegel 2009, 2010, dados não publicados), em um intervalo entre 2006 e o presente, no PECB, e em mais de dez anos, no PE Intervalos, segundo observações pessoais (B.M.B.) e comunicações dos monitores e funcionários dos dois Parques. Este declínio pode ser parte de uma flutuação populacional, como ocorreu com o guaxinim, *Procyon cancrivorus*, no PECB (Beisiegel 2010), ou pode ser causado por uma doença, como a cinomose, por exemplo, responsável por dizimar a espécie no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo (L. Milanelo com. pess.).

Na Caatinga não existem estudos sobre a espécie, portanto não é possível determinar o estado das populações neste bioma.

Habitat e ecologia

Nasua nasua utiliza uma ampla variedade de habitats com cobertura florestal, incluindo florestas decíduas, semi-decíduas e ombrófilas, florestas nebulares e de galeria, chaco xérico, cerrado e florestas secas (Gompper & Decker 1998). Não ocorrem nos Llanos da Venezuela (Eisenberg 1989). São bastante adaptáveis a áreas modificadas. Os quatis sofrem extrema influência da sazonalidade em sua organização social, uso do espaço e dieta: machos a partir de dois anos são solitários e juntam-se em grupos na época do acasalamento (Gompper & Decker 1998), que na Mata Atlântica ocorre em julho-agosto (Beisiegel 2001, Beisiegel & Mantovani 2006). As fêmeas grávidas separam-se dos grupos no final da gestação, no fim de outubro e começo de novembro (B.M. Beisiegel dados não publicados, Cavalette 2002), dando à luz em ninhos construídos em árvores. Quando os filhotes têm aproximadamente um mês de vida, em dezembro, as mães e os filhotes deixam o ninho e reúnem-se aos grupos (Beisiegel 2001). Desbiez e Borges (2010) observaram fêmeas em ninhos em novembro e dezembro no Pantanal, o que indica uma mesma época de acasalamento. Estudos realizados em áreas urbanas, perturbadas ou com alta disponibilidade artificial de alimentos têm encontrado machos permanentemente associados aos grupos de *N. nasua* (Fukushima *et al.* 2002, Costa *et al.* 2009, Hirsch 2009, Hirsch & Maldonado 2011).

Quatis são onívoros, apresentando bastante plasticidade alimentar. Frutos e invertebrados são a base de sua dieta, mas em locais com abundância de alimentos de origem antrópica, como lixeiras e comedouros, podem passar a se alimentar principalmente destes itens (Alves Costa *et al.* 2004, Santos & Beisiegel 2006, Hemetrio 2007). O forrageamento por frutos e invertebrados é principalmente no solo, na maioria dos locais onde a espécie foi estudada (p.ex. Hirsch 2009,

Desbiez & Borges 2010) mas, em florestas com abundância de bromélias no dossel, o forrageamento se dá principalmente nas árvores (Beisiegel 2001, Beisiegel & Mantovani 2006). Nestes locais, durante a época mais úmida do ano, com o aumento da disponibilidade de invertebrados no solo, os animais passam a forragear bastante no solo (Beisiegel & Mantovani 2006, Beisiegel 2007). Os machos são mais carnívoros do que as fêmeas em *N. narica* (Russel 1981), o que não foi observado para *N. nasua*. Em um único estudo que relatou alto consumo de pequenos mamíferos e aves por quatis, na FLONA de Ipanema, em SP, observou-se um consumo similar por parte de machos e de bandos de fêmeas e jovens (Oliveira 2002).

As áreas de uso descritas para a espécie no Brasil variaram entre 278 e 588 ha (Mínimo Polígono Convexo) na Mata Atlântica da Serra de Paranapiacaba (Beisiegel & Mantovani 2006), 120 a 150 ha no Pantanal (Rocha 2006) e 220 a 755 ha (Mínimo Polígono Convexo) no Cerrado (Trovati *et al.* 2010). Em pequenos parques urbanos, os grupos podem ter áreas de uso minúsculas (6,19 ha no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo, Cavalette 2002; cerca de 20 ha no Parque do Prosa, em Campo Grande, Costa *et al.* 2009).

Quatis apresentam interações de associação e mutualismo com várias espécies de aves (Beisiegel 2007), o que ressalta sua importância na manutenção de processos ecológicos. As interações sociais de cooperação e dominância apresentadas pela espécie, bem como padrões a longo prazo de uso do espaço, implicam em complexidade cognitiva (Beisiegel & Mantovani 2006, Hirsch 2007, Romero & Aureli 2008, B.M. Beisiegel obs. pess.).

No Pantanal, os quatis são importantes no ciclo de transmissão de *Trypanosoma evansi* e *T. cruzi* (Herrera *et al.* 2008, 2011).

As fêmeas de *N. narica* começam a se reproduzir a partir dos dois anos de idade (Gompper 1995). A gestação de *N. nasua* dura 74-77 dias, e as ninhadas têm 1 a 7 filhotes em cativeiro (Gompper & Decker 1998).

Ameaças e usos

A espécie é bastante apreciada como caça e não tem uma resistência muito alta a este tipo de pressão antrópica (Bisbal 1993, Cullen Jr *et al.* 2000). É também impactada pela caça por retaliação e conflitos. Vem crescendo o número de reclamações sobre quatis em condomínios e áreas urbanas próximas a fragmentos de matas. Em situações de habituação ao fornecimento de alimentos por humanos, quatis podem morder e causar ferimentos (Oliveira 2004, Bittner *et al.* 2010).

Doenças contraídas de animais domésticos, como a cinomose, podem dizimar rapidamente populações da espécie, como ocorreu no Parque Ecológico do Tietê, em São Paulo (L. Milanelo, com. pess.).

Quatis são eventualmente registrados em estudos de fauna atropelada (Casella *et al.* 2006, Aguiar *et al.* 2011), e esta é uma das ameaças citadas na avaliação do estado de conservação da espécie no Rio Grande do Sul (Fontana *et al.* 2003). Entretanto, não se conhece o impacto desta ameaça sobre sua população como um todo.

Subpopulações em grandes áreas de hábitat conservado podem sofrer declínios abruptos e praticamente desaparecer, como ocorreu nos Parque Estaduais Carlos Botelho e Intervales, em SP, por razões ainda desconhecidas.

Nos assentamentos no estado de Roraima os caçadores sacrificam os animais para utilização do pênis como remédio afrodisíaco (Mendes Pontes, com.pess.). Eventualmente são utilizados como animais de estimação.

Ações de conservação

Não existem ações de conservação específicas para esta espécie. Tsuchiya-Jerep (2009) sugere que cada uma das seis Unidades Evolutivamente Significativas da espécie deva ser manejada e conservada como uma unidade separada.

Pesquisas

Embora a espécie seja comum e de ampla distribuição, sua estrutura social, ecologia e comportamento ainda precisam ser melhor estudados, principalmente em grandes áreas de hábitat preservado. A maioria dos estudos concentra-se em áreas antropizadas e grupos de animais habituados à presença de turistas e ao consumo de alimento de origem humana. Na Caatinga não existem estudos sobre a espécie e sua distribuição é irregular, portanto, dadas as grandes pressões antrópicas às quais a Caatinga está submetida e pequena proporção de áreas protegidas neste bioma, são necessários estudos populacionais e sobre a distribuição da espécie, bem como os fatores que determinam esta distribuição. Em suma, estudos sobre resolução de conflitos, impacto das doenças oriundas de animais domésticos em populações e filogeografia de *N. nasua* são prioritários para esta espécie.

Referências bibliográficas

- Aguiar, L.M.; Moro-Rios, R.F.; Silvestre, T.; Silva-Pereira, J.E.; Bilski, D.R.; Passos, F.C.; Sekiama, M.L. & Rocha, V.J. 2011. Diet of brown-nosed coatis and crab-eating raccoons from a mosaic landscape with exotic plantations in southern Brazil. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 46: 153-161.
- Alves-Costa, C.P.; Fonseca, G.A.B. & Christófaró, C. 2004. Variation in the diet of the brown-nosed coati (*Nasua nasua*) in southeastern Brazil. **Journal of Mammalogy**, 85: 478-482.
- Beisiegel, B.M. & Mantovani, W. 2006. Habitat use, home range and foraging preferences of *Nasua nasua* in a pluvial tropical Atlantic forest area. **Journal of Zoology (London)**, 269: 77-87.
- Beisiegel, B.M. 2001. Notes on the coati, *Nasua nasua* (Carnivora: Procyonidae) in an Atlantic Forest area. **Brazilian Journal of Biology**, 61: 689-692.
- Beisiegel, B.M. 2007. Foraging associations between coatis (*Nasua nasua*) and birds of the Atlantic forest, Brazil. **Biotropica**, 39: 283-285.
- Beisiegel, B.M. 2009. First camera trap record of bush dogs *Speothos venaticus* at the state of São Paulo, Brazil. **Canid News**, 12: 5 (on-line). http://www.canids.org/canidnews/12/bush_dogs_in_sao_paulo.pdf
- Beisiegel, B.M. 2010. Variações sazonais e infra anuais na amostragem de mamíferos terrestres por armadilhas fotográficas. **Estudos avançados**, 24: 179-186.
- Bisbal, F.J. 1993. Impacto humano sobre los carnívoros de Venezuela. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 28: 145-156.
- Bittner, G.C.; Ritter, H.N.; Hans Neto, G.; Morais, M.O.; Hans Filho, G. & Haddad Jr, V. 2010. Coati (*Nasua nasua*) attacks on humans: report. **Wilderness and Environmental Medicine**, 21: 349-52.
- Bovendorp, R.S. & Galetti, M. 2007. Density and population size of mammals introduced on a land-bridge island in southeastern Brazil. **Biological Invasions**, 9: 353-357.
- Casella, J.; Cáceres, N.C.; dos Santos Goulart, C.; Paranhos Filho, A.C. & Conceição, P.N.S. 2006. Uso de sensoriamento remoto e análise espacial na interpretação de atropelamentos de fauna entre Campo Grande e Aquidauana, MS. **Simpósio de Geotecnologias no Pantanal**, 1: 321-326.
- Cavalette, E.T. 2002. **Comportamento, uso do espaço e estrutura social de quatis em um ambiente semi-artificial**. Relatório de Iniciação Científica, Instituto de Biociências da USP.
- Chiarello, A.G. 1999. Effects of fragmentation of the Atlantic forest on mammal communities in south-eastern Brazil. **Biological Conservation**, 89: 71-82.
- Costa, E.M.J.; Mauro, R.A. & Silva, J.S.V. 2009. Group composition and activity patterns of brown-nosed coatis in savanna fragments, Mato Grosso do Sul, Brazil. **Brazilian Journal of Biology**, 69: 985-991.

- Cullen Jr., L.; Bodmer, R.E. & Pádua, C.V. 2000) Effects of hunting in habitat fragments of the Atlantic forests, Brazil. **Biological Conservation**, 95: 49-56.
- Desbiez, A.L.J. & Borges, P.A.L. 2010. Density, habitat selection and observations of South American Coati *Nasua nasua* in the central region of the Brazilian Pantanal wetland. **Small Carnivore Conservation**, 42: 14-18.
- Desbiez, A.L.J.; Bodmer, R.E. & Tomas, W.M. 2010. Mammalian densities in a neotropical wetland subjected to extreme climatic events. **Biotropica**, 42(3): 372-378.
- Eisenberg, J.F. 1989. Order Carnivora (Fissipedia). p. 262- In: Eisenberg, J.F. (ed.) **Mammals of the Neotropics**. University of Chicago Press.
- Emmons, L. & Helgen, K. 2008. *Nasua nasua*. In: IUCN 2010. **IUCN Red list of threatened species. Version 2010.4**. <www.iucnredlist.org>. Acessado em 17 de dezembro de 2010.
- Fernandes, A.C.A. 2003. **Censo de mamíferos em alguns fragmentos de floresta atlântica no nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal). Universidade Federal de Pernambuco. 39p.
- Fontana, C.S.; Bencke, G.A. & Reis, R.E. 2003. **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. EDIPUCRS. 632p.
- Fukushima, C.S.; Rensi, C. & Beisiegel, B.M. 2002. Confrontos entre grupos de quatis durante a alimentação. In: XX Encontro Anual de Etologia. **Anais do...** 414.
- Gompper, M.E. 1995. *Nasua narica*. **Mammalian Species**, 487: 1-10.
- Gompper, M.E. & Decker, D.M. 1998. *Nasua nasua*. **Mammalian Species**, 580: 1-9.
- Hemetrio, N.S. 2007. **Levantamento populacional de quatis (Procyonidae: *Nasua nasua*) no Parque das Mangabeiras, Belo Horizonte, MG**. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Minas Gerais. 30p.
- Herrera, H.M.; Lisboa, C.V.; Pinho, A.P.; Olifiers, N.; Bianchi, R.C.; Rocha, F.L.; Mourão, G.M. & Jansen, A.M. 2008. The coati (*Nasua nasua*, Carnivora, Procyonidae) as a reservoir host for the main lineages of *Trypanosoma cruzi* in the Pantanal region, Brazil. **Transactions of the Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene**, 102: 1133-1139.
- Hirsch, B.T. & Maldonado, J.E. 2011. Familiarity breeds progeny: sociality increases reproductive success in adult male ring-tailed coatis (*Nasua nasua*). **Molecular Ecology**, 20: 409-419.
- Hirsch, B.T. 2007. Spoiled brats: is extreme juvenile agonism in ring-tailed coatis (*Nasua nasua*) dominance or tolerated aggression? **Ethology**, 113: 446-456.
- Hirsch, B.T. 2009. Seasonal variation in the diet of ring-tailed coatis (*Nasua nasua*) in Iguazu, Argentina. **Journal of Mammalogy**, 90: 136-146.
- MMA (Ministério do Meio Ambiente). 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Instrução Normativa nº 3 de 27 de maio de 2003. **Diário Oficial da União**, Seção 1, nº 101, 28/05/2003: 88-97.
- Negrão, M.F.F. 2003. **Efeitos da fragmentação na comunidade de mamíferos médios e grandes na região de Caucaia, Mata Atlântica, São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade de Brasília. 69 p.
- Oliveira, E.N.C. 2002. **Ecologia alimentar e área de vida de carnívoros da Floresta Nacional de Ipanema, Iperó, SP (Carnivora: Mammalia)**. Dissertação (Mestrado em Ecologia), Universidade Estadual de Campinas. 108p.
- Oliveira, J.A.; Gonçalves, P.G. & Bonvicino, C.R. 2003. Mamíferos da Caatinga. pp. 275-336 In: Leal, I.R.; Tabarelli, M. & Silva, J.M.C. (eds.). **Ecologia e conservação da Caatinga**. Editora Universitária da UFPE. 822p.
- Oliveira, P.C.P. 2004. **Dieta de quatis (*Nasua nasua*, Carnivora: Procyonidae), no Parque Nacional do Iguaçu, Paraná**. Monografia de conclusão de curso, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 37p.
- Robinson, J.G. & Redford, K.H. 1986. Body size, diet, and population density of neotropical forest mammals. **The American Naturalist**, 128: 665-680.
- Rocha, F.L. 2006. **Áreas de uso e seleção de habitats de três espécies de carnívoros de médio porte na fazenda nhumirim e arredores, Pantanal da Nhecolândia, MS**. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. 109p.
- Romero, T. & Aureli, F. 2008. Reciprocity of support in coatis (*Nasua nasua*). **Journal of Comparative Psychology**, 22: 19-25.
- Russell, J.K. 1981. Exclusion of male coatis from social groups: protection from predation. **Journal of Mammalogy**, 62: 206-208.
- Santos, V.A. & Beisiegel, B.M. 2006. A dieta de *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) no Parque Ecológico do Tietê, SP. **Revista Brasileira de Zootecias**, 8: 195-198.



- Silva Junior, A.P. 2007. **Status conservacionista da mastofauna em fragmentos de Mata Atlântica Nordestina**. Dissertação (Mestrado em Biologia Animal). Universidade Federal de Pernambuco. 53p.
- Souza, A.P. & Beisiegel, B.M. 2002. O comportamento do quati, *Nasua nasua*, em situação de alta densidade populacional. In: XX Encontro Anual de Etologia. **Anais do...** 304.
- Trovati, R.G.; Brito, B.A. & Duarte JM.B. 2010. Habitat use and home range of the brown-nosed coati, *Nasua nasua* (Carnivora: Procyonidae) in the Brazilian Cerrado. **Revista de Biologia Tropical**, 58: 1069-1077.
- Tsuchiya-Jerep, M.T.N. 2009. **Filogeografia, história demográfica e diversidade molecular de duas espécies neotropicais da Família Procyonidae (Mammalia: Carnivora): *Nasua nasua* e *Procyon cancrivorus***. Dissertação (Mestrado em Zoologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 76 p.
- Wilson, D.E. & Reeder, D.M. 2005. **Mammal species of the world: a taxonomic and geographic reference**. 3ed. Smithsonian Institute Press. 2145 p.
- Wolff, F. 2001. **Vertebrate ecology in caatinga: A. Distribution of wildlife in relation to water. B. Diet of pumas (*Puma concolor*) and relative abundance of felids**. Thesis (MsC. in Ecology), University of Missouri-St. Louis. 74p.
- Wozencraft, W.C. 1989. Appendix: classification of the recent Carnivora, pp. 569-593 In: Gittleman, J.L. (ed.). **Carnivore behavior, ecology, and evolution**. Cornell University Press. 620p.

Ficha Técnica

Oficina de Avaliação do Estado de Conservação dos Mamíferos Carnívoros do Brasil. Data de realização: 29 de novembro a 1 de dezembro de 2011. Local: Iperó, SP

Avaliadores: Antonio Rossano Mendes Pontes, Beatriz de Mello Beisiegel, Carlos Benhur Kasper, Caroline Leuchtenberger, Claudia Bueno de Campos, Emiliano Esterici Ramalho, Flávio Henrique Guimarães Rodrigues, Francisco Chen de Araújo Braga, Frederico Gemesio Lemos, Kátia M. P. M. B. Ferraz, Lilian Bonjorne de Almeida, Livia de Almeida Rodrigues, Mara Marques, Marcos Adriano Tortato, Oldemar Carvalho Junior, Peter Gransden Crawshaw Jr., Renata Leite Pitman, Ricardo Sampaio, Rodrigo Jorge, Rogério Cunha de Paula, Ronaldo Gonçalves Morato, Tadeu Gomes de Oliveira, Vânia Fonseca.

Colaboradores: Elaine Marques Vieira (Bolsista PIBIC/ICMBio – compilação de dados); Lilian Bonjorne de Almeida e Francisco Chen de Araujo Braga (CENAP/ICMBio – elaboração do mapa); Estevão Carino Fernandes de Souza, Roberta Aguiar e Cláudia Cavalcanti Rocha-Campos (facilitação e relatoria da Oficina).

Mapa: Lilian Bonjorne de Almeida e Francisco Chen de Araujo Braga

Foto: Beatriz de Mello Beisiegel